



Música pampeana, cultura e sociedade: o discurso de natureza na constituição gaúcha

Virgínia Tavares Vieira¹

vi_violao@yahoo.com.br

Universidade federal do Rio Grande – FURG

Paula Corrêa Henning²

paula.henning@iq.com.br

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Resumo: O presente estudo é um recorte de uma pesquisa mais ampla que tem como objetivo investigar quais as condições de possibilidade para a emergência de um enaltecimento da natureza do Pampa gaúcho por meio da música pampeana. Aqui nos interessa investigar de que forma as enunciações de paisagens naturais, homem e a relação dos sujeitos com este espaço natural contribuem para a fabricação de um discurso de natureza nesta região. Salientamos que o cenário natural do Pampa são enunciações recorrentes na música gaúcha e, desta forma, vêm fortemente fabricando sujeitos, bem como modos de ser e viver nestas terras. Sendo assim, para responder a esta investigação, tomaremos como *corpus* discursivo algumas obras artísticas que estavam e estão intimamente atrelados a cultura de nosso Estado. Apoiada em autores como Michel Foucault a pesquisa demonstra a importância da cultura na produção de saberes e verdades que nos constituem, entendendo que por meio desta somos ensinados a perceber um mundo e se expressar nele.

Palavras-chave: Música pampeana; cultura; sociedade.

Investigar algumas das condições de possibilidade para a emergência de um enaltecimento da natureza na música pampeana gaúcha é o propósito desta pesquisa. Para este artigo – um extrato da Tese mais ampla – temos como objetivo ir cercando o nosso problema de pesquisa. Para isso, neste texto, nos interessa mostrar ao leitor o quanto a natureza se faz presente em muitas letras de música pampeana. Pontuaremos alguns conceitos importantes que nos fazem ver e ler a natureza do pampa gaúcho de uma forma naturalizada na história e na cultura. Nosso compromisso enquanto pesquisadoras trata de explicitar que verdades são essas que

¹ Graduada em Música/Bacharelado em Violão pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestre em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG e atualmente é aluna do curso de licenciatura em Música pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

² Graduada em pedagogia pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Doutora em Educação pela UNISINUS. Professora Adjunta do Instituto de Educação, do PPG Educação em Ciências e do PPG Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.



nos fazem ler e ver a natureza como algo “belo”, “romântico” de céu azul e campos verdes.

Tomamos a música como *corpus* discursivo, por entendermos sua potência na fabricação de verdades e sentidos no mundo em que vivemos. Além disso, entendemos que a música nos ensina, educa e, desta forma, legitima valores e verdades no tempo em que vivemos.

Nossa proposta é compor uma conversa entre Música, Cultura e Sociedade com o objetivo de evidenciar o quanto e como a natureza está presente nessas músicas colocadas em suspenso. Panitz (2010) entende a música como um fenômeno artístico capaz de criar representações sociais e espaciais agindo no e sobre o espaço e, desta forma a reproduzindo de um modo particular. De acordo com o autor, podemos entender esta arte como um instrumento potente a nos fazer apreender como constituímos o espaço geográfico e cultural do pampa. Ou seja, como fabricamos por meio da música a natureza pampeana, a relação do homem com a paisagem natural destas terras que representam, muitas vezes, o Rio Grande do Sul. Trazemos a questão geográfica pontuada por Panitz (2010) por entender que esta contribui significativamente para a constituição dos sujeitos que habitam as terras sul-rio-grandenses e, que estas representações atravessam e são também atravessadas pela música desta região.

Pampa e sua cultura

Um campo a se estender imenso e plano – onde céu e campo se encontram no horizonte – é desta paisagem que gostaríamos de falar. A região do Pampa, cenário de múltiplos processos históricos e culturais, herança dos diversos povos que habitaram estas regiões, até nossos contemporâneos, contribuíram significativamente para a construção da cultura pampeana. De acordo com Dos-Santos (2012, p.51), “o pampa é horizonte do viver e das relações socioculturais de diversos povos que ali se encontraram ao longo dos anos, desde os indígenas até os nossos contemporâneos”. Para o autor ela é “peculiar e característica”, pois carregamos a herança de nossas colonizações luso-espanhola, indígena, africana, alemã e italiana.



É com esse intuito que o estudo se apresenta. Estabelecer um entrelaçamento entre música e cultura para problematizarmos: que ideal de natureza está posto nas letras colocadas em suspenso? Qual relação existente entre o homem e o ambiente natural da região sulina que compõem e delineiam o Pampa? De que forma vimos sendo educados e ensinados a olhar para a natureza? Esses são alguns dos questionamentos que nos movem à escrita do texto. Entender que discurso de natureza está presente na música pampeana torna-se importante, pois através deste vamos dando sentido e significado as coisas e ao mundo, como nos diz Veiga-Neto (2007). As verdades fabricadas neste mundo vão nos subjetivando e nos fazendo estabelecer relações com o tempo em que vivemos.

Entendemos que a verdade é produzida, fabricada a partir de discursos que fazemos circular como verdadeiro, ou seja, quando elegemos aquilo que deve ou não funcionar como verdade. Pois como nos diz Foucault (2011, p. 12) “A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder”. Assim sendo, diante destas colocações, é que colocamos em suspenso essas verdades relacionadas ao Pampa Gaúcho pouco problematizadas por nós, sujeitos deste tempo.

Nos excertos abaixo, apresentamos a forma como algumas canções vêm descrevendo a natureza do Pampa Gaúcho.

Sou grito do quero-quero / No alto de uma coxilha / Sou herança das batalhas / Da epopeia farroupilha [...] **Sou a cor verde do pampa / Nas manhãs de primavera / Sou cacimba de água pura / Nos fundos de uma tapera / Sou lua, sou céu, sou terra / Sou planta que alguém plantou / Sou a própria natureza / Que o patrão velho criou** [...] (Me comparando ao Rio Grande – Iedo Silva) [grifos nossos].

Guardiães de pátria, memorial dos ancestrais / Onde trevais nascem junto ao pasto verde / Sangas correndo, açudes e mananciais / Pra o ano inteiro o gaderio matar a sede / Grotas canhadas e o poncho do macegal / Para o rebanho se abrigar nas invernias / Varzedo grande pra o retoço da potrada / Mostrar o viço e o valor das sesmarias / **Sombras fechadas de imponentes paraísos** / Onde resojam pingos de lombo lavado / Que após a lida até parecem esculturas / Moldando a frente do galpão, templo sagrado / Pras madrugadas, mate gordo bem cevado / **Canto de galo que acordou pedindo vasa / Cheiro de flores, açucena, maçanilha** / E um costilhar de novilha pingando graxa nas brasas / Pra os queixos crus, os bocais dos domadores / Freios de mola pra escramuçar bem domados / E pra os turunos ressabiados de porteira / O doze braças, mangueirão dos descampados / **Pra os chuveiros galopeados de minuano / Um campomar castelhano e o aba larga desabado / Pra o sol a pino dos mormaços de janeiro** / Um



palita avestruzeiro e o bilontra bem tapeado / Pras nazarenas, garrão forte e égua aporreada / Pras paleteadas o sepilhado de coxilha / **Pra o progresso do Rio Grande estas estâncias / Mescla palácio com mangrullo farroupilha** (Estância da Fronteira, Anomar Danúbio Vieira) [grifos nossos].

As letras apresentadas nos salientam elementos bastante comuns ao homem do campo e que contribui para a constituição da paisagem natural destas terras. A primeira canção “Me comparando ao Rio Grande” nos fala do quero-quero, da boiada, das coxilhas, do “rangido das carretas e a cor verde do pampa”. Ditos como esses vão descrevendo a natureza pampeana – o verde dos campos, a primavera, a terra, o céu azul vão constituindo a natureza, esta muitas vezes apenas associada ao que é “verde”, “natural”.

Muitas canções pampeanas têm a peculiaridade de retratar temas como estes em suas letras. O amor a terra, a imensidão dos campos, o verde a se estender imenso e plano em contraste com o azul do céu, os rios, os animais como o cavalo, o gado e o cachorro vão constituindo o cenário cultural da região da campanha no sul do Brasil. Já no segundo excerto, na música “Estância da Fronteira” pontuamos enunciações de uma natureza bela e de amor a terra. Como podemos observar a letra faz referência a elementos ditos “naturais” da natureza como os rios, as sangas, os açudes, o vento, o campo, as flores, o verde, as coxilhas, o calor, o frio e a geada. São ditos como esses que nos constituem e ao mesmo tempo nos fazem ler a natureza de uma forma naturalizada na e pela cultura. As enunciações salientadas por nós neste estudo nos dão subsídios para pensarmos na fabricação de um discurso de natureza através da música. Pois como nos diz a letra: pasto verde, sangas e açudes, um “*campomar*” para garantir o bem estar do gado; “grotas canhadas e o macegal” abrigam os animais no inverno gelado do Pampa; “varzedo grande, sombras fechadas”; enfim – um imponente paraíso, o templo sagrado do gaúcho, onde “os chuveiros galopeados de minuano” fazem parte da vida campeira nas estâncias que tanto orgulham este homem farroupilha.

Enunciações como essas vão descrevendo a paisagem natural do Pampa como uma aquarela que representa uma natureza bela e romântica que se instaurou em nossa história através da cultura. Ou seja, esta naturalização da natureza tão enaltecida na música colocada em suspenso nos faz reconhecer na pampa uma



natureza romântica como aquela retratada na literatura do final do século XVIII e XIX. Já o homem aparece como um sujeito valente, heroico, bravo, viril como aquele também representado na literatura e na historiografia regional. Um homem do campo, acostumado na lida com os animais, domador de cavalo, amigo e muitas vezes resistente às forças da natureza. Segundo Oliven (1992) são enunciações como essas que fabricaram e ainda vêm fabricando a figura do gaúcho marcado pela vida nos descampados do Pampa. Ainda para o autor, a natureza ganha um fator de destaque na composição da “[...] figura do gaúcho, homem livre e errante que vagueia soberano sobre seu cavalo tendo como interlocutor privilegiado a natureza como ela se descortina nas vastas planícies dessa área pastoril do estado” (OLIVEN, Idem, p. 69).

Olhares sobre a natureza

Somos constituídos por um discurso naturalista e romântico de natureza que se instalou em nossa sociedade, principalmente a partir do século XVIII, com o movimento da virada cultural e reforçado pelo movimento romântico do século XIX. Mas não foi sempre assim! Segundo Guimarães, “há uma multiplicidade de formas de ver, narrar e se relacionar com a natureza” (2008, p. 88). Para o autor, essas diferentes visões são dadas a partir da história e da cultura na qual estamos inseridos. Assim sendo, salientamos a importância de voltarmos nosso olhar para a natureza, pois esta é “cada vez é mais filmada, fotografada, descrita e falada em todos os lugares” e, desta forma, vamos sendo ensinados a olhar, ver e falar sobre a natureza (OLIVEIRA e ARAÚJO, 2012, p. 126).

A música pampeana se apresenta como um espaço importante para discorrermos sobre a constituição de um discurso de natureza, pois como vimos mostrando, muitas canções colocam em evidência elementos que nos remetem a uma natureza bela e romântica que “embelezam” o pampa gaúcho. Seguindo nesta correnteza, evidenciamos a importância da cultura na fabricação de discursos e verdades que nos constituem e nos fazem ver e falar do mundo de determinadas formas. Somos ensinados por meio da cultura a perceber um mundo e se expressar nele. Nas palavras de Oliveira e Araújo (2012, p. 127) ressaltamos que é importante,



“[...] mapear essas novas linguagens disponibilizadas para falar da natureza, dos e para os seus sujeitos”.

Considerações finais

Nossas perspectivas com este estudo é que por meio da música pudéssemos suscitar o pensamento, provocando novas discussões em articulações com outros campos de saber. Vimos a música como uma importante ferramenta para pensarmos como vem se dando a constituição de saberes referentes à natureza e a relação do homem com a paisagem natural na região do Pampa. Queremos atentar para novas discussões acerca de questões pouco problematizadas por nós: que entendimento se tem de natureza, homem e cultura? Talvez Foucault nos ajude a entender essas fabricações de verdades que vão constituindo modos de ser, viver e se relacionar no mundo. Que pudéssemos voltar nosso olhar para arte, entendendo-a como um artefato cultural de função política e social capaz de criar novos modos de relação entre sujeito, sociedade, cultura e natureza.

Referências

DOS-SANTOS, José Daniel Telles. *Lúcio Yanel e o Violão Pampeano: memória(s), história(s) e identidade(s) de um fazer musical no sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Pelotas, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A importância da história e da cultura. *Inter-Ação: Ver. Fac. Educ. UFG*, v.33, n. 1, p. 87-101, jan./jun. 2008.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira e ARAUJO, Rodrigo Michell dos Santos. Império da Natureza, nomadismo ambiental: pedagogias culturais nas fotografias da revista National Geographic Brasil. *Pesquisa Em Educação Ambiental*, v.7, n.1, p. 123-137, 2012.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.



PANITZ, Lucas Manassi. *Por uma geografia da música: o espaço geográfico da música popular platina*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS, 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a Educação*. 2 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.